

**ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA PERSPECTIVA DO DESENHO UNIVERSAL DA
APRENDIZAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maria Aparecida Dias Lima ¹
Renato Carneiro da Silva ²

RESUMO

Reconhecer as diferenças e proporcionar igualdade de oportunidade a todos os estudantes, bem como, o direito a uma educação de qualidade é o foco da educação inclusiva, pautado por leis e princípios educacionais. Com isso, a inclusão impõe mudanças significativas, seja no ambiente e em estratégias que colaborem no desenvolvimento de serviços e recursos que proporcione acesso ao currículo, isso condiz, também, com a proposta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que pode em colaboração, desenvolver trabalhos na perspectiva do Desenho Universal da Aprendizagem (DUA). Nesse sentido, o presente artigo tem o objetivo de analisar as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado na perspectiva do desenho universal da aprendizagem. A pesquisa é de natureza qualitativa, com procedimentos do método autobiográfico, a partir de relatos de experiências vivenciados por mim, professora do AEE, uma auxiliar e uma professora da sala de aula comum, de uma escola da rede municipal de ensino de Mossoró/RN. Para os suportes bibliográficos utilizamos as legislações que regem a Educação Especial e os aportes teóricos sobre os temas do nosso estudo. As reflexões e as análises mostraram que o AEE pode se tornar um forte pilar na introdução e manutenção da inclusão escolar e social, pois a partir de formação continuada em educação especial, da prática colaborativa e do incentivo e acompanhamento nas atividades na perspectiva do DUA, os desafios da inclusão podem ser superados, especialmente quando passamos a ter um novo olhar ao ensino e dar sentido a nossa prática.

Palavras – chave: Atendimento Educacional Especializado. Desenho Universal da Aprendizagem. Inclusão. Acessibilidade.

¹ Estudante do curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado (UFERSA). Mestra em Ensino (POSENSINO). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FIP) e Literatura e ensino (IFRN). Graduada em pedagogia (UERN). Professora do AEE da rede municipal de ensino de Mossoró/RN e da Educação Básica da rede estadual de ensino do RN. prof.aparecidadias@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, professor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-árido, Ufersa. renato.carneiro@ufersa.edu.br

ABSTRACT

Recognizing differences and providing equal opportunities for all students, as well as the right to quality education is the focus of inclusive education, guided by laws and educational principles. As a result, inclusion imposes significant changes, whether in the environment or in strategies that collaborate in the development of services and resources that provide access to the curriculum. This is also in line with the proposal of Specialized Educational Assistance (AEE), which can, in collaboration, develop work from the perspective of Universal Design for Learning (UDL). In this sense, this article aims to analyze the inclusive pedagogical practices developed in Specialized Educational Services from the perspective of universal design for learning. The research is qualitative in nature, with autobiographical method procedures, based on reports of experiences lived by me, an AEE teacher, an assistant and a common classroom teacher, from a school in the municipal education network of Mossoró\RN. For bibliographic support, we used the legislation that governs Special Education and the theoretical contributions on the topics of our study. Reflections and analyzes showed that AEE can become a strong pillar in the introduction and maintenance of school and social inclusion, as based on continued training in special education, collaborative practice and encouragement and monitoring of activities from the perspective of UDL, The challenges of inclusion can be overcome, especially when we start to have a new look at teaching and give meaning to our practice.

Keywords: Specialized Educational Service. Universal Design for learning. Inclusion. Accessibility.

1 INTRODUÇÃO

No contexto histórico sobre a luta pela inclusão social de todas as pessoas, especialmente pelos direitos à igualdade de oportunidades, independente de suas características individuais e limitações, remetemos a um passado em que houve muitas discriminações, torturas e descaso, principalmente com aquelas pessoas de origens étnicas, religiosas, identidade de gênero e deficientes.

Ao longo dos anos, os marcos internacionais e nacionais conquistaram legislações que buscaram legitimar o processo de inclusão ao princípio de direito de igualdade. Assim, entre muitos direitos essenciais, nesse estudo, focaremos aos educacionais, especificamente a inclusão no contexto escolar, a educação especial, referente ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a acessibilidade para todos no ensino, pois na escola encontramos com mais veemência a pluralidade e a diversidade sendo assim, um agente de função fundamental na inclusão social.

Com relação ao percurso histórico referente à Educação Especial na perspectiva inclusiva, a trajetória deu início com movimentos de exclusão, seguido de segregação/assistencialismo, depois para integração e, finalmente, a busca pela consolidação da inclusão no contexto escolar e social (MAZZOTA, 2005). Foram muitas lutas em busca da educação para todos, no que tange a legislação nacional, a Constituição de 1988 promulgou a

Educação como um direito fundamental e universal, tornando-se um marco para a inclusão escolar no Brasil. Após isso, entre muitos outros movimentos, foi consolidada a aprovação em 2006 na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência pela ONU, esse evento proporcionou um avanço que assegurou o acesso à educação inclusiva no ensino educacional. Já o Atendimento Educacional Especializado surgiu como um serviço da Educação Especial, criado no ano de 2008 pela Política Nacional de Educação Especial.

O Atendimento Educacional Especializado é ofertado prioritariamente nas salas de recursos multifuncionais, no contraturno escolar, e tem como função:

Complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem (BRASIL, 2009, P.1)

Com o tempo a política de inclusão foi se consolidando, e assim, sugeriram mais leis para melhoria no contexto escolar e social; por isso, torna-se importante destacar a lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que foi instituída em 2015, sendo essencial para construir uma sociedade mais igualitária e justa. Tudo isso, busca superar os desafios e tornar possível a inclusão na escola, especialmente estratégias e metodologias que possam culminar em práticas que contemplem todos os alunos, por exemplo, o Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), onde o currículo não seria adaptado somente para os alunos com deficiência, mas para atender todos os alunos (CAST, 2014).

Os atendimentos no AEE deverão ser realizados de forma a colaborar na acessibilidade no processo de ensino aprendizagem dos alunos público-alvo, contribuindo na superação das barreiras e limitações. Muitas vezes o trabalho é desenvolvido de forma colaborativa, com outros profissionais, especialmente os professores da sala comum. Este envolvimento e interação entre profissionais motiva o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas que visam a participação ativa dos alunos atendido pelo AEE, bem como, todos da sala de aula comum e os demais da escola, “portanto, a interação do professor do AEE e do professor de sala regular requer ações em conjunto, tendo como elemento essencial a criatividade na perspectiva de um trabalho coletivo consciente”. (BEDAQUE, 2014, p. 66).

Diante disso, como professora do AEE, busco sempre novos conhecimentos e direciono o meu olhar para práticas pedagógicas inclusivas, pois constantemente, em nossa prática, nos deparamos com situações novas que precisam serem resolvidas de forma a respeitar os limites e as necessidades dos alunos, ao mesmo tempo, consegui vencer as barreiras que impede o acesso ao ensino. Isto, motiva a realização e participação de formações, de estudo e pesquisa sobre temas que ajudam a fortalecer a prática no AEE. Dessa forma, o tema da presente

pesquisa parti da necessidade de compartilhar as experiências e analisar os resultados, para que assim os caminhos da inclusão consigam consistências em atitudes e ações educativas, especialmente daqueles que fazem a educação

Nesse contexto, esse estudo tem o objetivo geral de analisar as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado na perspectiva do desenho universal da aprendizagem. Como objetivos específicos: conhecer o trabalho no Atendimento Educacional Especializado e sua colaboração na realização de atividades na perspectiva do desenho universal para aprendizagem e identificar as práticas pedagógicas inclusivas que podem proporcionar acessibilidade a todos os alunos no âmbito escolar.

Pretende-se responder, a partir da problemática: como o AEE pode contribuir com a realização de práticas pedagógicas na perspectiva do desenho universal da aprendizagem no contexto escolar?

A pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa, com relatos de experiências que serão organizados no método autobiográfico.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, incluindo esta introdução. O segundo capítulo refere-se as discussões teóricas sobre acessibilidade no AEE, junto aos subtítulos serviços e recursos pedagógicos de acessibilidade no Atendimento Educacional Especializado e Desenho Universal da Aprendizagem – DUA. O terceiro capítulo desenvolve o percurso metodológico da pesquisa e discorre subcapítulos sobre relatos de experiências no AEE e vozes que ecoam saberes e práticas. O quarto capítulo apresenta as análises das narrativas autobiográficas e seus respectivos resultados quanto aos objetivos almejados.

2 DISCUSSÕES TEORICAS SOBRE ACESSIBILIDADE NO AEE

Nesse capítulo serão apresentadas discussões teóricas sobre o Atendimento Educacional Especializado realizado nas salas de recursos multifuncionais e em colaboração com a sala de aula comum. No decorrer da escrita é possível conhecer e identificar a relevância de serviços e recursos, que de acordo com a legislação e autores que estudam o tema, podem proporcionar acessibilidade no processo de ensino aprendizagem dos alunos atendidos pelo AEE e consequentemente colaborar no processo inclusivo.

Dessa forma, todos os estudantes poderão, de acordo com suas limitações, participar do mesmo processo de ensino, garantindo, assim, o direito de aprendizagem; isto, a partir de estratégias e metodologias inclusivas desenvolvidas em suas práticas pedagógicas colaborativas que podem culminar no Desenho Universal da Aprendizagem (DUA).

2.1 Serviços e recursos pedagógicos de acessibilidade no Atendimento Educacional Especializado

Pensar em inclusão no contexto escolar, requer um trabalho coletivo, que considere novos olhares e novas formas estratégicas de inserir a todos em um ensino que proporcione qualidade. Isso remete à necessidade de desenvolver serviços e recursos, principalmente para aqueles alunos que se deparam com barreiras e limitações, pois apresentam impedimentos físicos, intelectual, mental, sensorial, transtorno do desenvolvimento neuropsicomotor e também os com altas habilidades/superdotação. Assim, a partir dessa realidade, surgiu a necessidade de ter um atendimento especializado no contexto escolar, que foi legitimado e organizado pela legislação da Política da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva em 2008, intitulado como Atendimento Educacional Especializado (AEE)

O Atendimento Educacional Especializado é um serviço realizado pela educação especial, que é voltado, especialmente para inclusão e acessibilidade do seu público alvo, que são estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados em escolas comum do ensino regular (Brasil, 2008).

O objetivo primordial do AEE é de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas (Brasil, 2009).

As diretrizes operacionais para o AEE consideram-se que os serviços e recursos da educação especial assegurem condições de acesso ao currículo escolar, promovendo a acessibilidade aos materiais didáticos, aos espaços e equipamentos, assim como, aos sistemas de comunicação e informação e ao conjunto das atividades escolares (Brasil, 2009).

Os serviços potencializam os apoios aos estudantes atendidos pelo AEE a partir da acessibilidade ao ensino realizados nas salas de recursos multifuncionais, também nas salas de ensino comum, e se necessário a todo o contexto escolar, em um trabalho colaborativo. Já os recursos são os equipamentos inclusivos e acessíveis disponíveis nas salas de recursos multifuncionais, as tecnologias assistivas de auto e baixo custo, bem como, o uso da comunicação alternativa e aumentativa. Os recursos na maioria das vezes são construídos/produzidos de acordo com a necessidade dos estudantes e, nessas produções, são utilizados materiais de baixo custo, é importante, pois:

Acompanhar o uso desses recursos em sala de aula, verificando sua funcionalidade, sua aplicabilidade e a necessidade de eventuais ajustes, e orientar as famílias e professores quanto aos recursos utilizados pelo aluno”. (SARTORETTO; SARTORETTO. 2010, p 2).

Tudo isso com o intuito de proporcionar acessibilidade do estudante com relação aos conteúdos escolares. Sobre a acessibilidade, já que falamos tanto dessa conexão significativa ao Atendimento Educacional Especializado é importante elencarmos sua definição e funcionalidade no contexto inclusivo. A Lei brasileira de inclusão estabelece a acessibilidade como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015)

A referida Lei ainda complementa que “a acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social” (BRASIL, 2015). A acessibilidade pode fazer com que elimine as barreiras sociais e educacionais encontradas ao longo do caminho daqueles que apresentam limitações, de acordo com Brasil (2015, p.8), barreiras são entendidas como:

Qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

Nesse contexto, o ato de eliminar barreiras, a partir da acessibilidade aos conteúdos curriculares, aos materiais didáticos, aos espaços e equipamentos, aos sistemas de comunicação e informação e as atividades escolares, configura-se como um caminho fecundo a inclusão, especialmente a um currículo de todos e para todos, onde chegue a prevalecer o Desenho Universal para Aprendizagem em práticas pedagógicas no contexto escolar.

2.2 Desenho Universal da Aprendizagem – DUA

O Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) parte da necessidade de fortalecer o direito à aprendizagem a todos, assim como, os princípios dos marcos históricos que conquistaram legislação significativas, visando uma sociedade cada vez mais inclusiva.

O DUA surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos em parceria com o Centro de Tecnologias Especiais Aplicadas (CAST) com os Programas de Educação Especial (OSEP) que pertence ao Departamento de Educação (VAZ; MANJINSKI, 2023, p. 4).

O conceito de Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) é geralmente atribuído a David Rose, Anne Mayer e seus colegas do Center for Applied Special Technology (CAST) (Edyburn, 2010; Alves, Ribeiro & Simões, 2013).

Relacionando os objetivos DUA a necessidade inclusiva, apresenta-se o que estabelece a Lei brasileira de inclusão sobre o desenho universal para aprendizagem,

Brasil (2015, p.11), “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva”. Em seus estudos e pesquisas Pletsch (2021, p.20) complementa:

O DUA possibilita acesso de todos ao currículo, independentemente de suas condições, respeitando particularidades e os talentos dos estudantes, a partir do uso de estratégias pedagógicas/didáticas e/ou tecnológicas diferenciadas, incluído a tecnologia assistiva.

O DUA parte do entendimento que não existe um único meio engessado de ensinar os conteúdos, mas que é importante conhecer os alunos, suas necessidades e limitações e desenvolver um ensino atrativo, onde possa contemplar de forma significativa a todos (PLETSCH, 2021).

Realmente é um desafio desenvolver uma aula onde todos participem do mesmo processo, no entanto, o conteúdo escolar pode estar disponível em diversas formas, em uma interação relevante ao ensino, ou seja, o mesmo conteúdo pode ser apresentado utilizando vídeo, áudio, imagem, animação, entre outros, dependendo do objetivo (PLETSCH, 2021).

Nesse caso, o aluno, especialmente o que antes era excluído, ou que tinha uma atividade adaptada muitas vezes diferenciada dos conteúdos, quando passa a desenvolver uma atividade relacionada ao mesmo conteúdo que todos estejam vendo e que elimine as barreiras de aprendizagem, sente-se mais participativo e pertencente ao processo.

Esta é uma abordagem curricular que procura minimizar as barreiras à aprendizagem e maximizar o sucesso de todos os alunos e, nessa medida, exige que o professor seja capaz de começar por analisar as limitações na gestão do currículo, em vez de sublinhar as limitações dos alunos. (NUNES; MADUREIRA, 2015, p. 8)

No DUA é importante acompanhar as formas de planejamento, desenvolvimento e avaliação dos alunos no processo, especialmente sua interação. As estratégias e metodologias, desenvolvidas a partir de recursos e práticas inclusivas, devem sempre buscar um ensino de qualidade que seja significativo para todos os estudantes com ou sem deficiência, reconhecendo a pluralidade humana, assim como, no contexto escolar, pois não existe um sujeito padrão, mas sim pessoas aprendentes que deve considerar suas especificidades, “o DUA observa os aspectos cognitivos e afetivos dos sujeitos” (PLETSCH, 2021, p. 22).

Nesse processo, o aprendente precisa ser visto e ouvido, que, conseqüentemente, consiga atender as necessidades e limitações.

Essa forma de ensinar é centrada no estudante, seguindo nove diretrizes que são organizadas e orientadas pelo DUA: Oferecer opções diferentes para a percepção; Fornecer várias opções para linguagem, expressões matemáticas e símbolos; Oferecer opções para compreender e entender; Fornecer opções para a interação física; Proporcionar opções para a expressão e a comunicação; Fornecer opções para funções executivas; Proporcionar opções para promover o interesse por parte dos estudantes; Proporcionar opções para manter o esforço e a persistência e Proporcionar opções para a autorregulação (CAST, 2014)

Pensando nessa perspectiva, as práticas pedagógicas podem ser orientadas e desenvolvidas a partir de planejamentos que considerem as referidas diretrizes, respeitando as particularidades e habilidades dos alunos, de acordo com os objetivos propostos. Esta prática, relaciona-se ao interesse de um do nosso foco de estudo, o Atendimento Educacional Especializado, que como falamos antes, busca proporcionar acessibilidade ao ensino na aprendizagem dos alunos público-alvo, que também, visa, promover a inclusão de todos os alunos no contexto escolar. Em consonância ao princípio inclusivo, o desenvolvimento do estímulo e a motivação do trabalho do AEE na perspectiva do desenho universal para aprendizagem, pode tornar-se relevante nas salas de recursos multifuncionais e nas práticas colaborativas com profissionais, especialmente quando diz respeito as tecnologias assistivas de alto e baixo custo, entre outras atividades que podem envolver o engajamento, a representação, a ação e a expressão que são valorizados na aplicação no DUA.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Em busca de analisar as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado na perspectiva do desenho universal da aprendizagem, a pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa, a partir da relação entre objetos, sujeitos e o contexto que estimula compreender e interpretar a realidade que acontece na prática social. Minayo (2009) coloca que a pesquisa qualitativa tem como principais características ressaltar a natureza socialmente construída a partir da realidade, a relação entre o pesquisador e o objeto de estudo bem como as qualidades e os processos da experiência social que se cria e adquire significado. Essa relação torna-se significativa para o processo de investigação, pois não se deve somente focar nos resultados, mas reconhecer a importância do processo, ou seja, considerar “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009). Sobre esse conceito Bodgan e Biklen (1994, p. 23), acrescenta que “os levantamentos sociais têm uma importância particular para a compreensão

histórica acerca da investigação qualitativa, devido a sua relação imediata com os problemas sociais – situando-se entre a narrativa e o estudo científico”.

Seguindo essa abordagem, utilizamos os procedimentos do método de narrativas autobiográficas, a partir de relatos de experiências, vivenciados por mim, por uma estagiária e uma professora de sala de aula regular. As narrativas autobiográficas atreladas a nossa experiência, a partir de nossos relatos nos faz parte do processo e no poder de agir que proporciona maior significado ao estudo, isso condiz com o pensamento Delory-Momberger (2012, p. 529).

O relato, então, não é somente o produto de um ato de contar, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata. É nesse poder de agir do relato que se baseia, aliás, as propostas de formação que se valem das histórias de vida, para dar início a processos de mudança e de desenvolvimento do sujeito (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.529)

Com isso, o percurso metodológico da presente pesquisa apresenta fontes privilegiadas para conseguir responder as inquietações advindas das experiências vivenciadas, também das demandas e dos desafios diários que encontramos no nosso trabalho em busca da inclusão de todos os alunos e do acesso ao ensino de qualidade no contexto escolar. Tudo isso requer um olhar diferenciado, especialmente um percurso onde os relatos das experiências transformados em narrativas ressignificam a prática.

Finalmente, nessa modalidade de pesquisa qualitativa os processos reflexivos e de ressignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa (PASSEGGI, 2016, p. 115)

De certo, o pesquisador também consegue atribuir sentido e se formar a partir das inquietações e das respostas, participando de um processo que germina novas singularidades e relevância para o tema. Dessa forma, os sujeitos e o lócus da pesquisa se tornam significativos nesse processo, que diz respeito a um caminhar cheio de particularidades que se torna necessário observar, ver, ouvir, descrever e interpretar cada fenômeno.

Diante isso, com relação ao lócus, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Mossoró, que atende os anos iniciais e finais do ensino fundamental, também conta em seu espaço físico com uma sala de recursos multifuncionais tipo 2, com Atendimento Educacional Especializado sendo realizados no turno matutino e vespertino. Os sujeitos colaboradores da pesquisa, foi composto por mim, professora do Atendimento Educacional Especializado na rede municipal de ensino de Mossoró; uma professora efetiva da sala comum, que há mais de vinte anos leciona na referida escola e também uma auxiliar de sala comum, estudante de pedagogia, que realiza o estágio remunerado acompanhando os alunos com deficiência da sala comum. Pensando na ética da pesquisa, para preservar as

colaboradoras, não utilizamos nomes, mas professora do AEE, professora da Sala comum e Auxiliar de Sala.

A pesquisa teve início no Atendimento Educacional Especializado, realizado na sala de recursos multifuncionais, com uma criança diagnosticada com transtorno do espectro autista, com apraxia da fala. Logo seguiu para o trabalho colaborativo, levando atividades de acessibilidade para todos da sala, na perspectiva do desenho universal para aprendizagem. O desenvolvimento da pesquisa foi registrado a partir das observações obtidas no diário de campo e dos relatos de experiências advindo das narrativas autobiográficas das colaboradoras, que com uso de roteiro dialogaram com os seguintes questionamentos: Como o AEE pode contribuir na prática pedagógica inclusiva no contexto escolar? Para tornar a escola inclusiva, o que compete a cada um no contexto escolar? O DUA colabora na acessibilidade e qualidade do ensino? A partir desse momento, transcrevemos as narrativas e elaboramos as seguintes categorias: a) Práticas colaborativas no AEE; b) Desafios para inclusão; Formação continuada em educação especial; Atividades na perspectiva do DUA. As categorias serão apresentadas em um quadro e servirão, junto com as narrativas selecionadas, como base consistente para o caminhar das análises e resultados.

3.1 Relatos de experiências no AEE

A escrita dessa parte do texto remete aos registros do diário de campo e também em relatos organizados em narrativas autobiográficas de experiências que fizeram sentido a prática pedagógica e ao ensino dos alunos.

Após algumas formações realizadas pela coordenação de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação de Mossoró, saímos com o propósito de realizar atividades partindo da necessidade do aluno e que fazem sentido para o mesmo. Dessa forma, as atividades apresentadas nesse trabalho surgiram da necessidade de proporcionar acessibilidade a um aluno autista, com apraxia da fala, que será nomeado com o nome fictício de Sol, isto para preservar a identidade do mesmo.

Sol gostava muito de atividades sobre natureza e insetos. Em um dos atendimentos no AEE, apresentei para Sol livros sobre natureza, insetos e animais, com o objetivo de conhecer histórias e construir cenários sobre a natureza, incentivar e estimular o interesse do aluno.

O aluno escolheu o livro “Festa no meu Jardim” do autor Marcos Bagno, mas ao folhear o livro, mesmo com dificuldade e gesticulando em sua comunicação, eu entendi o que ele quis dizer, da sua forma disse que os desenhos pequenos não eram os animais que o livro estava se referindo. Como ele gostou da história, sugeri a construção do livro em um painel de

comunicação alternativa e aumentativa, Sol demonstrou curiosidade. Em outros atendimentos pesquisamos fotos dos insetos referente ao livro e construímos o painel, o aluno ficou super feliz e esse recurso estimulou o uso da fala e da comunicação oral. Em outro atendimento propus ao aluno a produção de um livro do seu próprio jardim, para essa produção utilizamos materiais vindos da natureza, como: galhos, folhas secas, pedrinhas, semente, areia e argila; que colhemos no jardim da escola. Na oportunidade conseguimos ver a presença de alguns insetos, este momento foi significativo para o aluno, o qual produziu o seu próprio livro, com lindas artes, nomeando o jardim do Sol.

O trabalho se tornou tão significativo e cheio de sentido para Sol que não seria justo ficar somente na sala de AEE. Por isso, resolvi buscar a colaboração da professora e da auxiliar da sala comum onde Sol estudava, juntas planejamos na perspectiva do desenho universal da aprendizagem, com a proposta de o aluno apresentar as atividades produzidas na sala de recursos multifuncionais, aos seus colegas da sala comum e depois, propor que todos da sala fizessem o jardim da turma do segundo ano B. E assim aconteceu, o aluno Sol, com a ajuda da professora do AEE e a auxiliar de sala, apresentou a turma, a história do livro festa no meu jardim, utilizando o painel de comunicação alternativa e aumentativa e logo depois o seu livro, o jardim do Sol, mesmo com apraxia da fala, o aluno mostrou a todos que foi ele o autor, quem produziu, e com satisfação, sorrindo, apresentava os animais, tentando fazer os sons de cada animal.

Logo após a apresentação, perguntamos a turma se queriam construir o próprio livro, eles responderam que sim! Com voz de empolgação, então levamos a turma para o jardim da escola, onde colheram materiais e no dia seguinte todos produziram suas artes com materiais de baixo custo, encontrados na natureza. No momento da produção do livro da turma, Sol interagiu bastante com a turma, o que antes não acontecia, ele ensinou a alguns alunos como fazer e mostrava seu trabalho como modelo, também fez mais uma linda arte. Observamos que alguns alunos, faziam suas artes e ainda escreviam o nome dos animais e sobre seus habitats.

Todos os alunos conseguiram participar da mesma atividade, interagiram e foram bem criativos, ainda, apresentaram suas artes em uma exposição na culminância do projeto sarau literário que aconteceu para todos na escola. Sendo essa, realmente, uma atividade inclusiva que proporcionou acesso a todos, tudo isto, na perspectiva do desenho universal para a aprendizagem.

Para enriquecer os registros selecionamos algumas fotos do percurso das atividades, fotos que evidenciam a satisfação dos alunos em participar de todo o desenvolvimento, sendo uma atividade que contemplou diversas disciplinas e temas importantes que foram percorridos

em sala de sala, como por exemplo, a inclusão social de todos, conscientização e preservação do meio, artes e criatividade nas escolas.



Imagem 1 – momento da pesquisa, produção e apresentação da história usando o painel CAA.



Imagem 2 - Momento da produção do livro, o jardim do Sol.



Imagem 3 – Atividade na perspectiva do DUA. Momento da produção do livro o Jardim do 2º ano B.



Imagem 4 – Exposição e apresentação das produções realizadas por Sol no AEE e toda a turma do 2º ano B.

Nas imagens tivemos o cuidado de focar nos recursos pedagógicos que colaboraram na inclusão dos alunos e que proporcionaram acessibilidade e sentido para o aluno Sol e respectivamente a todos da sala comum, cada imagem representa o caminhar do aprendizado, visando o interesse dos alunos a acessibilidade e a qualidade do ensino. Isto mostra, o quanto é importante a prática colaborativa e também saber ouvir, especialmente os alunos e os profissionais da educação, sobre esse assunto Mantoan (2004, p.39) coloca que.

As ações educativas inclusivas que propomos têm como eixos o convívio com as diferenças, a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz

sentido para o aluno, pois contempla a sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula.

Por isso, que é essencial ouvir e colaborar com aqueles que estão ligados diretamente no chão da escola e conhece a realidade e a necessidade vigente no contexto escolar.

3.2 Vozes que ecoam saberes e práticas

As vozes que ecoam saberes e práticas, neste texto se refere as narrativas autobiográficas das colaboradoras da pesquisa, as quais se tornaram pontos riquíssimos no enganchamento do processo da elaboração desse trabalho, principalmente quando analisadas junto aos registros do diário de campo. Assim, as narrativas foram gravadas, ouvidas e transcritas, onde selecionamos os pontos em comum que foram destacadas pelas colaboradoras, ou seja, apresentaram em suas falas como algo de alta relevância para ser analisado, esses pontos em comum se transformaram em categorias que foram organizadas, em um quadro para melhor entendimento das análises que serão apresentadas nas considerações finais.

Quadro 1 – Narrativas autobiográficas das colaboradoras

CATEGORIAS	COLABORADORAS DA PESQUISA	NARRATIVAS
PRÁTICA COLABORATIVA NO AEE	PROFESSORA DO AEE	O AEE desenvolve o trabalho nas salas de recursos multifuncionais, mas também é importante que o AEE trabalhe de forma colaborativa com a família, com os professores e demais parcerias, seja instituições ou especialistas que fazem acompanhamento do aluno, isto depende de cada aluno. Trabalhar de forma colaborativa torna os atendimentos mais acessíveis e facilita o processo inclusivo seja escolar ou social.
	PROFESSORA DA SALA COMUM	Na nossa escola temos uma demanda de alunos público alvo do AEE muito grande, sem contar com alunos com dificuldade de aprendizagem. Estamos sempre buscando o AEE para nos ajudar, orientar e trabalhar de forma colaborativa, é um serviço presente e necessário em nossa prática. Também participamos de formação realizado pelas professoras do AEE, trabalhamos em parceria e isto é bom para a inclusão escolar.
	AUXILIAR DE SALA	O AEE é muito importante na escola, vejo trabalhos maravilhosos e que colaborar com o aprendizado e a inclusão dos alunos, a admiro a forma de trabalho, principalmente porque trabalha junto a gente, de forma colaborativa.
FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL	PROFESSORA DO AEE	Ultimamente nos deparamos com muitos desafios no chão da escola, precisamos sempre buscar novos conhecimentos e parcerias, assim como, ter acesso e participar de formações continuadas em educação especial na perspectiva inclusiva, isso pode ajudar a lidar com os desafios e colaborar na qualidade do ensino

	PROFESSORA SALA COMUM	Precisamos de mais acesso a formação continuada em educação especial e inclusiva. Ainda bem que temos o apoio do AEE na nossa escola, que trabalha com nossos alunos com deficiência, mas precisamos de mais formação, principalmente de organizar o tempo para participar. Hoje vejo um grande acesso nas formações a distância, para o professor e demais pessoas que só pode o final de semana. Isto é uma possibilidade de voltar a estudar o tema
	AUXILIAR DE SALA	Eu sou estudante e considero que sobre a educação especial e inclusiva vemos muito pouco na grade curricular ... Ainda bem que estou fazendo estágio e também busco participar de formações continuadas sobre esses temas
DESAFIOS PARA INCLUIR	PROFESSORA DO AEE	Existe desafios para a inclusão no contexto escolar, pois todos da escola precisam estar sensibilizados e fazer sua parte, precisam compreender a diferença entre integrar e incluir. A diversidade está presente na escola, isto é realidade, então que juntos possamos proporcionar qualidade a todos, entendendo, é claro, suas limitações e singularidades no processo.
	PROFESSORA SALA COMUM	Sobre a inclusão escolar, precisamos que todos falem a mesma língua, ou seja, se eu consigo na minha sala, que a outra também possa conseguir. Isto me lembra as avaliações externas que são totalmente excludentes, pois não são organizadas para alunos com deficiência, já são muitos os desafios, imagina o sistema agir dessa forma. Isto mostra, que tanto o sistema de ensino federal, estadual e municipal precisam rever as formas avaliativas e de acompanhar o processo de ensino.
	AUXILIAR DE SALA	Todos os dias vejo e aprendo coisas novas, ser auxiliar me faz pensar na profissão que escolhi e também nos desafios para a inclusão que encontramos. Tem momento que a própria família não reconhece a necessidade de lutar pela inclusão dos filhos, por isso, é importante o acompanhamento no AEE e de todos na escola.
ATIVIDADE NA PERSPECTIVA DO DUA	PROFESSORA DO AEE	As atividades desenvolvidas na perspectiva do DUA criam meios para desenvolver acessibilidades para todos, tornando-se importante no processo inclusivo. No caso não teria atividade adaptada, mas sim organizadas para atender a todos.
	PROFESSORA DA SALA COMUM	É muito difícil diante da diversidade presente em sala consegui incluir todos, é difícil, mas também possível, especialmente com estratégias como o DUA. Como falei, muitas vezes temos que seguir que o sistema exige, mas quando trabalhamos de forma colaborativa conseguimos proporcionar um ensino para todos.
	AUXILIAR DE SALA	Na faculdade ainda não estudamos sobre o DUA, isto é novo para mim. Mas achei o trabalho que foi desenvolvido na perspectiva do DUA na sala de aula bem significativo, todos os alunos participaram e gostaram de realizar. Vou estudar mais sobre o DUA

Fonte: Autoria própria (2024)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso da pesquisa e da escrita desse artigo, surgiram grandes evidências da relevância do desenvolvimento do trabalho do AEE no contexto escolar, especialmente sua colaboração na inclusão escolar e social dos alunos. Isto, remete a necessidade de novos olhares para as práticas pedagógicas que contemple as demandas dos dias atuais, pois estamos vivenciando um novo tempo escolar, onde alunos e famílias precisam de orientações advinda da escola. “É preciso ensinar, na escola e em toda parte, que realmente aprendemos quando reconhecemos o outro e a nós mesmos como seres singulares, capazes de estabelecer vínculos sociais” (MANTOAN, 2003, prefácio). Para que a escola consiga seguir com tanta responsabilidade social precisamos trabalhar de forma coletiva em prol de um ensino que consiga atender os direitos de aprendizagem dos alunos. Mas, para tanto, a escola e toda comunidade escolar também precisa ser ouvida e atendida com políticas públicas de qualidade.

Nesse contexto, este trabalho apresentou vozes vinda das pessoas que fazem a escola e que de certa forma, fazem ecoar saberes e práticas. A voz foi dada ao aluno Sol, quando teve a oportunidade de escolher o livro e de ter acesso a história, a partir de um painel de comunicação alternativa e aumentativa da história, criando novas histórias, a criança teve a oportunidade de apresentar, de interagir, de participar junto com todos da sala comum da mesma atividade, configurando-se como desenho universal da aprendizagem. Ainda, a voz foi aberta para as professoras, que em suas narrativas, ecoaram como significativo a importância do Atendimento Educacional Especializado no contexto escolar e a prática colaborativa entre esses serviços para o ensino inclusivo; a necessidade de mais formações continuada em educação; também os desafios para incluir e o reconhecimento satisfatório das atividades realizadas na perspectiva do desenho universal da aprendizagem, expressando o desejo de conhecer mais sobre o tema.

De acordo com o estudo as práticas pedagógicas inclusivas tiveram início no AEE e seguiram contemplando a todos os estudantes, isto dar consistência as nossas análises que foram desenvolvidas com base no diário de campo e nas narrativas das colaboradoras. Com isso, foi possível constatar que o AEE pode se tornar um forte pilar na introdução e manutenção da inclusão escolar e social, especialmente, a partir de formação continuada na educação especial, da prática colaborativa e do incentivo e acompanhamento nas atividades na perspectiva do DUA, seguindo esse significativo caminho os desafios encontrados no processo de inclusão podem serem superados, especialmente quando passamos a ter um novo olhar ao ensino, dar sentido a nossa prática e respectivamente no processo ensino aprendizagem dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. M., Ribeiro, R., & Simões, F. (2013). Universal design for learning (UDL): **Contributos para uma escola para todos**. Tecnologias da Informação em Educação, Indagatio Didactica, 5(4), 121-146.

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **Por uma prática colaborativa no AEE: atendimento educacional especializado** / Selma Andrade de Paula Bedaque. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria João Alvarez. Portugal: Porto, 1994. p.15 a 51.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009 – **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Especial Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf Acessado em 20 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: https://www.pcdlegal.com.br/lbi/wpcontent/themes/pcdlegal/media/downloads/lbi_simples.pdf Acesso em: 06 jul. 2024.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista. Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, 2012.

MANTOAN M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN M. T. E. **O direito de ser, sendo diferente, na escola**. Revista CEJ Conselho da Justiça Federal. Brasília, v.8, n.2, p 36-44, set.2004.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5º. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MEYER, Anne. ROSE, Davi H. GORDON, David. **Universal design for learning: Theory & Practice**. Wakefield MA: CAST, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta Antunes. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em**

Educação. Revista Lusófona de Educação, Lisboa/Portugal, n. 33, pp. 111-125, 2016.
Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/349/34949131009.pdf>. Acesso em 15 jul. 2024.

PLETSCH, Márcia Denise et al. (orgs.). **Acessibilidade e Desenho Universal na Aprendizagem.** Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2021.

SARTORETTO, Mara Lúcia; SARTORETTO Rui. **Atendimento Educacional Especializado e Laboratórios de Aprendizagem: O QUE SÃO E A QUEM SE DESTINAM.** 2010. Disponível em: https://assistiva.com.br/AEE_Laborat%C3%B3rios.pdf. Acesso em jul. 2024.

VAZ, A. M.; MANJINSKI, E. DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM: reflexões sobre sua utilização. **Revista Teias de Conhecimento**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023.